TPBCI | Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA: lugar de saber a patrimônio bibliográfico[1]

RUI BARBOSA LIBRARY: place of knowledge to bibliographic heritage

Letícia Krauss Provenzano[2]
Vera Dodebei[3]

Resumo: Trata de pesquisa de mestrado finalizada que abordou o tema da biblioteca de museu-casa. O objetivo da pesquisa foi pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca pessoal domiciliar em biblioteca de museu-casa, tendo como objeto a Biblioteca de Rui Barbosa, do Museu Casa de Rui Barbosa. A condução metodológica teve natureza exploratória baseada em pesquisa bibliográfica. Discutiu o que configura a biblioteca de museu-casa, contextualizando com os conceitos de biblioteca privada, biblioteca particular, biblioteca domiciliar, biblioteca de museu e museu-casa. Apresentou a biblioteca de Rui Barbosa enquanto foi a biblioteca particular de Rui Barbosa em sua residência por meio da evolução da biblioteca e a da análise dessa biblioteca como lugar de saber (*lieu de savoir*). Discorreu sobre o processo de patrimonialização da residência transformada em museu-casa, sobre a institucionalização da biblioteca e defendeu a biblioteca como patrimônio bibliográfico, com base nos conceitos de valor memorial dos monumentos e de valor dos objetos em museu-casa. A percepção de que as duas bibliotecas são entidades distintas indica a metamorfose subjetiva pela qual passou a biblioteca particular do Rui Barbosa para Biblioteca de Rui Barbosa, a biblioteca do museu-casa.

Palavras-Chave: Biblioteca de museu-casa. Biblioteca de Rui Barbosa. Lugar de memória. Lugar de saber. Patrimônio bibliográfico.

Abstract: *This paper is the result of a master's research about house museum library. It aimed to think over the subjective metamorphosis from home library to house museum library through Rui Barbosa Library of the Rui Barbosa House Museum. It was an exploratory nature*

[1] O texto foi submetido, avaliado, aprovado e apresentado no ENANCIB.

[2] Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Tecnologista em Ciência & Tecnologia (Bibliotecária) na Fundação Casa de Rui Barbosa. leticiakraussp@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9516-0431

3 Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal Rio de Janeiro - UFRJ. Docente na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. dodebei@gmail.com. ORCID: http://orcid.org/0000-0003-3401-6257

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. (cc) BY

investigation with bibliographic character. It discussed what a house museum library is revisiting the concepts of private library, home library, museum library and house museum. It presented the evolution of the private library coeval with its owner on his residence, Rui Barbosa's Library, and an analysis of it as a place of knowledge (lieu du savoir concept). It ran through patrimonilization of the house, the institutionalization of library and claimed the library as bibliographic heritage based on these concepts: memorial value of monuments and value of house museum objects. It was assumed that Rui Barbosa's Library and Rui Barbosa Library are distinct subjects, which denotes the subjective metamorphosis.

Keywords: *House museum library. Rui Barbosa Library. Place of memory. Place of knowledge. Bibliographic heritage. Rui Barbosa Library.*

1 INTRODUÇÃO

Este artigo resgata as principais reflexões desenvolvidas e alguns dos elementos teórico-conceituais explorados durante a pesquisa realizada no Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, investigação esta que teve por objetivo pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca pessoal domiciliar em uma biblioteca de museu-casa tendo como caso ilustrativo a Biblioteca de Rui Barbosa, do Museu Casa de Rui Barbosa (MCRB), que deu origem à Fundação Casa de Rui Barbosa.

A investigação foi de natureza exploratória baseada em pesquisa bibliográfica e teve como objetivos específicos: explorar o que configura uma biblioteca de museu-casa; relacionar a Bibliotheca do Rui Barbosa — a biblioteca da casa — especialmente ao conceito de lugares de saber (*lieux de savoir*) e aproximar a Biblioteca de Rui Barbosa, a biblioteca do museu-casa, da discussão sobre patrimônio bibliográfico.

Na pesquisa considerou-se a biblioteca de museu-casa peculiar pela característica complexa própria dessas bibliotecas que, da intimidade do ambiente antes privado, são lançadas às vistas do público dentro de um museu e desnudadas pelas mãos de pesquisadores, passando a gestão da sua materialidade a ser compartilhada, eventualmente, entre museólogos e bibliotecários.

2 BIBLIOTECA DE MUSEU-CASA: CATEGORIA *SUI GENERIS*

O estudo em questão partiu da percepção de que esta denominada biblioteca de museu-casa, por sua singularidade, não se enquadra nas categorias comumente estabelecidas para as bibliotecas — principalmente pela *International Federation of Library Associations* and Institutions e *American Library Association* —, pois, ela orbita o mundo das bibliotecas, já que originalmente foi uma biblioteca domiciliar e transita também no universo dos museus, pois que compõe um museu-casa, seja sob a forma de um ou mais cômodos dedicados a abrigar livros e outros materiais bibliográficos, seja de um pequeno conjunto bibliográfico acondicionado em alguma mobília do museu-casa.

Logo, a abordagem não tratou da biblioteca de museu, aquela que

> [...] apoia o museu em todos os pontos e em todas as etapas da missão do museu. A biblioteca atenderá às necessidades de informação dos gestores e equipe através de seus próprios recursos ou através do acesso a outros recursos [...] (BIERBAUM, 2000, p.8, tradução nossa).

Em que pese a biblioteca de museu-casa participar do cumprimento da missão do museu — considerando que a função precípua de um museu-casa é cultuar e preservar a memória de um ou mais personagens — essa biblioteca não é a biblioteca de museu.

Denominamos biblioteca de museu-casa aquela originalmente inserida na residência que foi musealizada. O fato dessa biblioteca estar num museu-casa pressupõe ter sido, antes, a biblioteca pessoal/particular/privada de alguém em seu domicílio. Reitz (c2004-2014, tradução nossa) define como *home library*

> [...] um cômodo ou quarto em uma residência privada com estantes alojando livros, periódicos e outros materiais para leitura, visuais e de referência, muitas vezes com uma escrivaninha e uma cadeira confortável ou sofá com uma luminária.

A biblioteca de museu-casa tem como pressuposto ser uma metamorfose que compreende, no mínimo, duas fases bem definidas, porém, que não necessariamente ocorrem em cadeia direta e imediata: a primeira, biblioteca pessoal na residência de alguém, coetânea de quem a reuniu; a outra, já institucionalizada, quando compõe o museu-casa.

Portanto, algumas bibliotecas pessoais ou particulares domiciliares resistiram à ausência permanente dos seus proprietários graças a uma institucionalização específica, a criação de um museu-casa - entendido como um gênero de museu cujo objetivo é celebrar/memorar uma personalidade ou um grupo proeminente por meio dos seus espaços domésticos pelos quais é possível perceber o contexto sociocultural daquele indivíduo ou grupo (PONTE, 2019) -, tendo sido mantidas, geralmente, em sua integralidade, no lugar original, isto é, na casa transformada em museu-casa.

Esse gênero de museu tem como elemento principal a memória: preservar a memória, manter viva a memória do homenageado, memorar um personagem. Mais de um conceito relacionado à memória permite a compreensão sobre esses espaços: “lugar de memória” do Pierre Nora, porque “um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado das coisas [...]” (NORA, 1993, p.

22); “teatro da memória”, imagem apresentada por Ponte (2018), porque museus-casas são representações do cotidiano; e a ideia de “mídias da memória” da Aleida Assmann, A (2011, p. 352) pois “também são ‘mediadores entre passado e presente’; [...] apontam para um passado invisível e preservam o contato com ele”.

Embora não haja uma classificação única para esse tipo de museu, cabe apontar que o MCRB se enquadra como casa de personalidade, categoria que abrange casas de escritores, artistas, músicos, políticos, heróis militares, etc. (DEMHIST, 2007, tradução nossa). Uma nova classe proposta por Afonso (2015) denominada Museu-Casa de Memória Íntima ou Casa-Museu de Memória Íntima também corresponde à representação do MCRB no cenário museal, pois seriam consideradas como tais as instituições

> […] que tenham como objetivo principal a preservação da memória de um personagem de destaque para uma sociedade, através **da manutenção de um espaço de vivência cotidiana e de intimidade familiar**, ou a reconstrução destes locais. Admite-se também nesta categoria os locais que abrigam gerações da mesma família, prestigiando o legado dos seus primeiros habitantes. Nesta categoria **a expografia necessita estar alicerçada em objetos cotidianos e de cunho pessoal**, que auxiliem na reconstrução das memórias do personagem que ali se homenageia (patrono ou patronesse) (AFONSO, 2015, p. 73, grifo nosso).

Considerados como os primeiros museus-casas a propriedade do escritor Walter Scott (1771-1832), denominada Abbotsford[4], em Melrose, Escócia, e a do arquiteto Sir John Soane (1753-1837) em Londres, atual Sir John Soane’s Museum[5] (YOUNG, 2016), ponderamos, então, a biblioteca de Scott como a primeira biblioteca de museu-casa, pois ela fora aberta a visitantes cerca de cinco meses após o falecimento do escritor e antes que fossem franqueados os demais cômodos ao público.

O MCRB é o primeiro museu-casa público do país. Aberto para a sociedade em 1930, seis anos após o governo brasileiro ter comprado a propriedade com o plano de ser fundado um museu-biblioteca, justificado pela aquisição também do frondoso acervo bibliográfico do patrono. Logo, consideramos a biblioteca de Rui Barbosa a primeira biblioteca de museu-casa no Brasil.

[4] Abbotsford: the home of Sir Walter Scott. Disponível: https://www.scottsabbotsford.com/.
[5] Sir John Soane’s Museum. Diponível em: https://www.soane.org/.

Assim como acontece com o museu-casa, a relação entre biblioteca e memória é indissociável. No contexto dos museus-casas, para memorar um personagem notadamente reconhecido pela biblioteca particular formada em sua casa e pela sua relação com o acervo "a biblioteca apresenta um lugar ideal, onde o cenário e a coleção têm uma relação simbiótica, e, mais que qualquer outro ambiente, onde se transmitem as particularidades do proprietário" (STOKES, 2008, p.42, tradução nossa).

Quando pensamos na biblioteca de museu-casa sob a perspectiva macro, ou seja, o acervo e o ambiente onde ele está, constatamos que ela repousa em dois campos disciplinares, a Biblioteconomia e a Museologia, preponderantemente caracterizados por instituições de memória e por práticas de memória.

De acordo com Dodebei (2015), um dos processos de memoração, ou seja, de produção de memórias, é por acumulação. Conscientes da limitação da nossa própria capacidade mnemônica, criamos, ao longo da história, dispositivos auxiliares das nossas memórias individuais considerados, assim, memórias artificiais.

Esses "meios de armazenamento externos [...] fundamentam e flanqueiam a memória cultural como suporte material dela" (ASSMAN, A., 2011, p. 24). Isso implica que a memória cultural

> [...] é exteriorizada, objetivada e armazenada em formas simbólicas que, diferentemente dos sons de palavras ou da visão de gestos, são estáveis e transcendentes à situação: elas podem ser transferidas de uma situação a outra e transmitidas de uma geração a outra (ASSMAN, J., 2016, p. 118).

Os acervos de bibliotecas, assim como os de outras instituições de memória, resultam da acumulação das tais memórias artificiais ou exomemórias, formadas de registros memoriais.

> O desejo de perpetuar a memória, acrescido da reprodutibilidade técnica com a consequente criação dos acervos, fez com que a sociedade produzisse próteses de suas memórias individuais, verdadeiras memórias auxiliares, cada vez mais extensas, diversificadas e até mesmo duplicadas, a exemplo das bibliotecas, dos museus, dos arquivos, dos monumentos históricos, gerando uma ampliação descomunal da capacidade de memória do mundo (DODEBEI, 2015)

O sociólogo francês Gérard Namer (1928-2010) abordou, a partir do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs, a questão da memória cultural sob duas

vertentes: as instituições de memórias culturais e as práticas de memórias culturais (NAMER, 1987).

Assim, bibliotecas são um tipo de instituição de memórias culturais, lugares onde se forma, pela reunião de memórias culturais, o que ele chama de memória social virtual. A fruição dessa memória se dá por meio das tais práticas de memórias culturais. No contexto das bibliotecas, essa virtualidade da memória se materializa pela leitura

> Esses livros foram escritos para que os leitores os lessem um dia ou outro. Há encerrado nessas páginas, um desejo de que nos lembremos do que está escrito ali: há uma memória-mensagem, essa memória é virtual; só se torna real agora; porque leio, ouço o conteúdo e a forma do que está aí escrito. [...] Daqui a pouco, quando o livro for fechado e recolocado no lugar, essa memória se tornará virtual novamente (NAMER, 1987, p. 74, tradução nossa).

As bibliotecas que formamos e mantemos em nossas casas, quiçá se tornem bibliotecas de museus-casas, são elos de uma rede multidimensional formada por todas as bibliotecas existentes, também pelas que deixaram de existir e as que estão por vir. Nessa rede se sobrepõem e coexistem memórias artificiais, memórias culturais, memórias vegetais, memória social virtual, memórias individuais, memórias externas aos livros, memória da memória da memória...

Sendo bibliotecas e museus instituições de memória, uma biblioteca de museu-casa remete às *matrioskas,* as famosas bonecas tradicionais da Rússia, posto que temos uma coleção[6] dentro de outra. Ainda que essa biblioteca seja parte de um lugar de memória, um conjunto simbólico maior que ela, ela mesma também é um lugar de memória.

A biblioteca é um monumento vivo segundo Manguel (2017a), para quem um monumento deveria, além de recordar algo, nos fazer recordar desse algo. Débora Dias, em referência à Sala dedicada ao professor Joaquim de Carvalho - onde foi instalada, após a morte dele, a biblioteca que ele mantinha em casa - na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, considerou, a partir da perspectiva de monumento como aquilo que traz o passado à lembrança segundo o historiador Jacques Le Goff, que "o quadro, a estátua, os livros e impresso compõem o 'monumento' [...]. Também

[6] O uso do termo coleção foi empregado com a intenção de exprimir a ideia de conjunto. Não se pretende abordar tema do colecionismo ou discutir conceitualmente coleção.

por isso, cada livro pode ser visto como um documento não isolado do 'monumento' de que faz parte" (DIAS, 2018, p. 66).

A patrimonialização da biblioteca do Rui Barbosa no MCRB faz dela um monumento vivo. Ela cumpre o papel de memorar o personagem Rui Barbosa e de ser um meio de se recordar dele. Rangel (2015, p.102) analisou que

> No discurso de inauguração da instituição, proferido pelo sr. Antonio Batista Pereira, fica explícito que o desejo do ilustre morto estava sendo realizado. A marca deixada pela presença humana, aludida por Arendt, parece ter sido definida e articulada pelo jurista: o criador (Rui Barbosa) vislumbrou a criatura (museu-casa) que possibilitasse tornar seus vestígios imorredouros. Era, de fato, seu desejo que a marca, por ele deixada, pelo trânsito na terra fosse a ferramenta de trabalho que o distinguiu em vida: o conhecimento que ele creditava as horas de estudo e consulta aos livros de sua biblioteca.

Além disso, a vitalidade dessa biblioteca se mantém porque os livros não foram desfuncionalizados[7], isto é, não perderam sua função precípua. Há um caráter híbrido nesse acervo: ora estático, compondo o cenário museológico, ora dinâmico, pela circulação das obras para serem consultadas no prédio anexo, o que torna temporária e visualmente incompleto aquele cenário. A disponibilidade do acervo que pertenceu a Rui Barbosa alimenta um círculo virtuoso memorial: quanto mais se pesquisa a biblioteca dele, quanto mais ela é fonte para estudos sobre o próprio Rui, maior a memoração desse personagem.

3 A BIBLIOTHECA[8] DO RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DA CASA

Tendo em vista o objetivo principal da pesquisa - pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca pessoal domiciliar em uma biblioteca de museu-casa - iniciamos

[7] "Os objetos no museu são desfuncionalizados e 'descontextualizados, o que significa que eles não servem mais ao que eram destinados antes, mas que entraram na ordem do simbólico que lhes confere uma nova significação (o que conduziu Krzysztof Pomian a chamar esses "portadores de significado" de *semióforos*) e a lhes atribuir um novo valor – que é, primeiramente, puramente museal, mas que pode vir a possuir valor econômico. Tornam-se, assim, testemunhos (con)sagrados da cultura" (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 70).

[8] A grafia seguiu a ortografia da língua portuguesa vigente antes da Reforma Ortográfica ocorrida em 12 de agosto de 1943, que aboliu o *h* depois de *t*. A adoção da ortografia *rètro* foi para aludir à biblioteca que Rui manteve até seu falecimento, ou seja, a biblioteca particular domiciliar dele, enquanto sua propriedade.

por observar a primeira fase da biblioteca particular do Rui Barbosa: a biblioteca em sua residência, isto é, contemporânea de seu proprietário.

Nascido a 5 de novembro de 1849 em Salvador, Bahia, e falecido em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1º de março de 1923, Rui Barbosa, considerado um dos ilustres personagens da história do nosso país, teve uma atuação profissional e política polivalente: além de proeminente advogado e jurista, foi jornalista, deputado provincial e também geral, senador por cinco mandatos, ministro da fazenda, concorreu à presidência da República e atuou como diplomata, tendo representado o Brasil na Segunda Conferência da Paz de Haia, na Holanda, em 1907. Casado com Maria Augusta Viana Bandeira, tiveram cinco filhos: Maria Adélia, Alfredo, Francisca, João e Maria Luisa.

A abordagem sobre a biblioteca recorreu a um breve histórico traçado a partir da reciclagem da classificação feita pelo autor espanhol Victor Infantes (1997), que estabeleceu quatro classes de bibliotecas dos séculos XVI e XVII de acordo com a quantidade de registros identificados em inventários. Apropriamo-nos dessas classes - *Biblioteca Práctica*, *Biblioteca Professional*, *Biblioteca Patrimonial* e *Biblioteca Museo* - desconsiderando as quantidades que caracterizam cada uma delas, porque percebemos que poderiam traduzir as etapas da evolução da biblioteca do Rui Barbosa, alinhadas com contextos da vida dele. O Quadro 1 apresenta os principais pontos apresentados nesta análise:

Quadro 1: Evolução da Bibliotheca do Rui Barbosa baseada na classificação de bibliotecas estabelecida por Victor Infantes

Classificação de Infantes (1997)	Até 15 registros	Até 60 registros	Entre 50 e 300 registros	Mais de 300 registros
	Biblioteca práctica	*Biblioteca profesional*	*Biblioteca patrimonial*	*Biblioteca museo*
	O livro conservado como um bem básico. Despertar do sentimento de propriedade pessoal	O livro como instrumento profissional do seu proprietário	A formação da biblioteca por herança, pelo poder aquisitivo do proprietário ou por colecionismo	O livro representa um sinal de riqueza
Evolução da Bibliotheca do Rui Barbosa	Posse de livros antes de ingressar no curso de Direito. Sua *biblioteca*	1871 – ano que Rui considerou como o início da sua biblioteca, que, a partir de	1895 – ano em que Rui e sua família se mudaram para a casa que hoje é o museu-casa. Essa residência representou,	Ápice do acervo.

	práctica se desenvolveu, sobretudo, durante o período do estudo acadêmico.	então, tomaria formas de biblioteca professional, desenvolvida, sobretudo em função de sua atuação profissional plurivalente	provavelmente, a passagem da biblioteca para o perfil de biblioteca patrimonial, reflexo do seu êxito profissional e de prosperidade financeira	

Fonte: as autoras (2022).

Por meio dessa biblioteca, Rui Barbosa pôde se dedicar com o afinco desejado e/ou necessário a diversas disciplinas bem como aprofundar suas reflexões consoantes aos papéis desempenhados por ele na sociedade.

> Se a biblioteca privada de natureza pessoal surge como o reflexo do homem, dos motivos que estiveram na sua origem, dos critérios por ele definidos, do meio social envolvente e da sua época, por outro lado, a mentalidade e a formação intelectual, e a sua atividade profissional surgem da sua capacidade de estudo constante em que os livros têm sem dúvida um papel ativo (SEARA, 2018, p. 5).

No contexto desta pesquisa, o conceito de lugares de saber (*lieux de savoir*), apresentado por Christian Jacob, membro da *École des hautes études en sciences sociales (EHESS)*, por meio do projeto Lugares de saber - inspirado no hercúleo feito historiográfico coordenado por Pierre Nora denominado Lugares de Memória - foi adotado como um novo modo de olhar para a biblioteca que Rui Barbosa formou ao longo da vida e que foi considerada sua ferramenta de trabalho.

Um lugar de saber se configura a partir da dinâmica entre práticas, aparatos e os indivíduos para fins de elaboração, de transmissão e de fluxo dos saberes. O conceito emerge do campo de pesquisa denominado antropologia dos saberes no qual "os saberes são abordados menos como conteúdo do que como objeto de práticas, ao mesmo tempo mentais, materiais e sociais" (JACOB, 2009, p. 121, tradução nossa).

> Definimos os "saberes" como o conjunto de procedimentos pelos quais os membros de uma sociedade, ou de um grupo nessa sociedade, dão sentido ao mundo que os cerca, em suas dimensões físicas e metafísicas, visíveis e invisíveis, ao mundo dos seres vivos ou da matéria inerte, ao mundo humano em todas as suas dimensões, ao tempo e ao espaço (JACOB, 2012, p. 211).

Os elementos que compõem o conceito de lugares de saber estão organizados no Quadro 2:

Quadro 2: Lugares de saber: elementos

Atores do saber	"Os atores individuais ou coletivos envolvidos nas atividades de saber, com suas condições, suas funções, seus éthos, suas formas de organização." (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa)	Ex: bibliotecário, pesquisador, curandeiro
Construção dos saberes	"Os procedimentos pelos quais os saberes são socialmente validados, institucionalizados, ensinados, comunicados e transmitidos através do espaço e do tempo." (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa)	Ex: memória, patrimonialização
Espaços (edificados ou não)	"As estruturas e dinâmicas espaciais das atividades de saber, em suas várias escalas, da geografia à arquitetura." (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa)	Ex: biblioteca, laboratório, parque
Inscrição dos saberes	"As operações manuais, mentais, discursivas e sociais que são mobilizadas na produção, na fixação e na recepção dos saberes". (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa).	Ex: marginália, livro
Materialidade dos saberes	"O ambiente material e os objetos que determinam as condições de produção, as formas e as funções dos saberes, desde o mobiliário até o instrumento ou à máquina." (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa).	Ex: estante de livros, mesa, bancada do marceneiro
Práticas de saber	"as operações manuais, mentais, discursivas e sociais que são mobilizadas na produção, na fixação e na recepção dos saberes". (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa).	Ex: indexação, anotação,
Tipologia dos saberes	"As divisões culturais dos saberes institucionalizados ou não em disciplinas científicas bem como seus principais objetos de estudo." (THÉSAURUS SAVOIRS, 2020, tradução nossa).	Ex: Biblioteconomia, Ocultismo, Saber animal

Fonte: as autoras (2022).

A fim de oferecer uma visualização eloquente de algumas operações realizadas na produção, transmissão e fluxo dos saberes, apresentamos a descrição de parte do *modus operandi* executado pela tradutora Flora Thomson-DeVeaux ao produzir a nova tradução para o inglês da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas. O relato evidencia o porquê de um lugar de saber ser "[...] um sistema de relações, entre seus atores, entre estes e os móveis, entre os atores humanos e os atores não humanos que são livros, máquinas, as amostras" (JACOB, 2014, p. 69, tradução nossa).

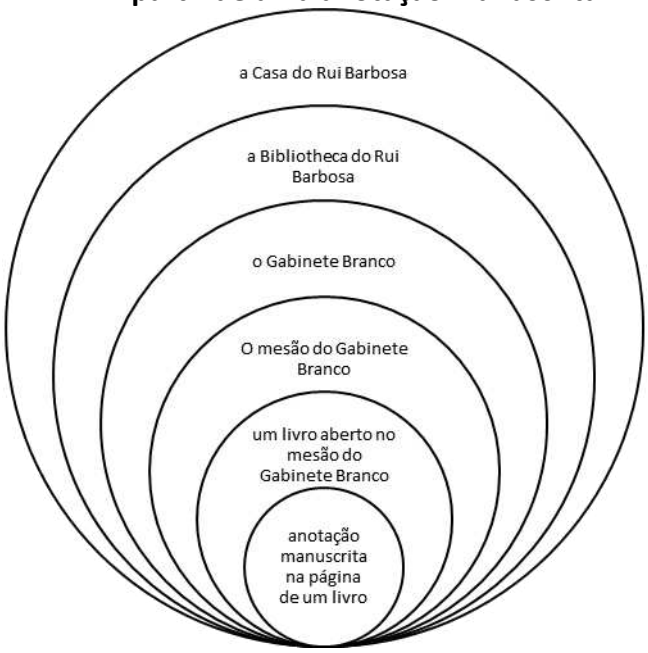
> [...] quando eu deparava com um enigma léxico, consultava um dicionário de português para mapear conotações, fazia uma referência cruzada com dicionários bilíngues para encontrar alguma solução suficientemente convincente, checava o primeiro registro da palavra ou do termo no *Oxford English Dictionary*, dava uma olhada nas tendências do uso em inglês no Ngram Viewer e, por fim, tentava comparar a frequência do termo em inglês com o seu uso em português na Hemeroteca Digital (THOMSON-DEVEAUX, 2020).

Sobre a biblioteca particular de um pesquisador, Jacob (2014, p. 77, tradução nossa) explica que ela também é um lugar de saber

> [...] em seu arranjo material, em sua distribuição em diferentes móveis, em pilhas e linhas, na ordem e desordem que a organizam. A presença de fotografias, cartões postais, bugigangas que pontuam prateleiras têm significados emocionais e simbólicos que marcar um ambiente de vida e de trabalho. Os princípios de distribuição racional de livros são frequentemente subvertidos por caprichos de usos. Os livros mais usados, os livros recentemente usados ou adquiridos, ou livros para ler, agrupam-se ao alcance da mão e da visão do pesquisador.

Observamos a Biblioteca do Rui Barbosa como um lugar de saber e constatamos que ela se desdobra em diversas camadas que variam desde a escala macro, entendida como a Biblioteca (iniciada pela letra B maiúscula para caracterizá-la como uma entidade), manifestada por meio do conjunto formado pelos cômodos ocupados por livros; pelo mobiliário, as estantes de livros, as escrivaninhas; pelos instrumentos, os tinteiros, o carimbador, os lápis, o mata-borrão, a espátula de abrir envelopes ou folhas de livros etc.; pelas folhas anotadas; pela própria biblioteca (com "b" minúsculo para denominar o acervo, a coleção em si); até a escala micro, por exemplo, uma anotação manuscrita feita por ele em uma página de um livro. Essa reflexão está representada pela Figura 1:

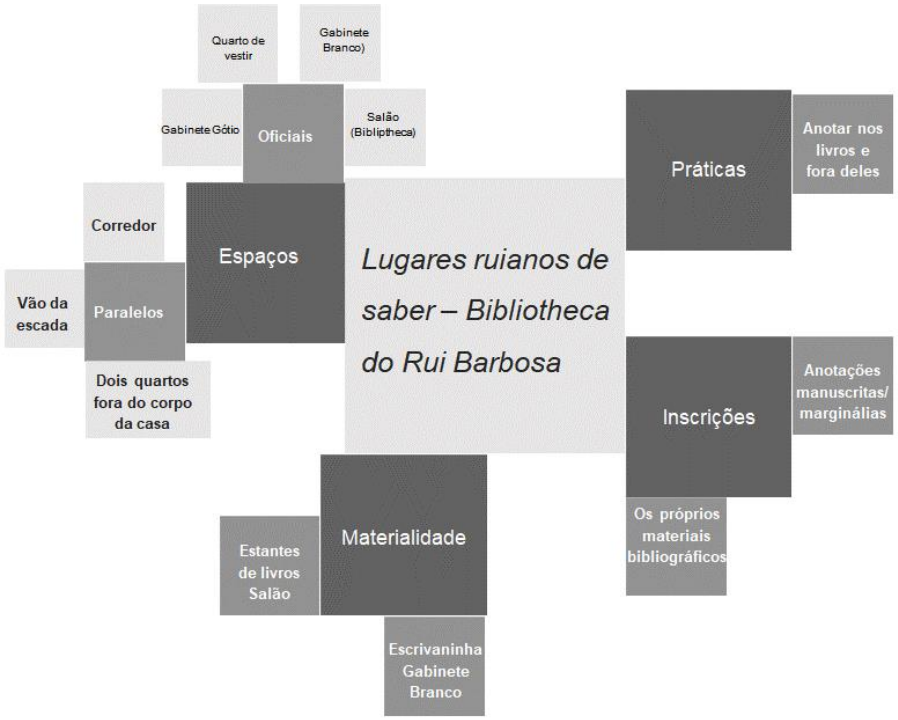
Figura1 – Representação de possíveis dimensões dos lugares de saber ruianos a partir de uma anotação manuscrita



Fonte: as autoras (2022).

Ilustramos o conceito de lugares de saber a partir da Bibliotheca do Rui Barbosa, pensando na interação entre Rui e esse seu meio. Para a reflexão sobre essa biblioteca como lugar de saber, destacamos alguns dos elementos ruianos de saber:

Figura 2: Lugares ruianos de saber da *Bibliotheca* do Rui Barbosa



Fonte: as autoras (2022).

Examinamos mais a fundo alguns desses elementos. Em se tratando de espaço de saber, destacamos o gabinete do Rui Barbosa denominado Gótico (Imagem 1). Esse tipo de cômodo costuma ser um lugar de recolhimento para o exercício mais profundo da intelectualidade. Manguel (2017b, p. 77) metaforizou esse ambiente atribuindo a imagem da torre de marfim: “Mesmo hoje em dia, a imagem da torre de marfim retém às vezes essa conotação de permitir ao intelectual retirar-se do mundo para compreendê-lo melhor”.

Imagem 1: Rui Barbosa no Gabinete Gótico



Fonte: Revista FON FON, 1918. FCRB/Base de Dados Iconografia/Acervo do SAHI.

Embora Rui tivesse dois gabinetes compondo a Bibliotheca, consideramos que o Gótico materializou tal metáfora mangueliana:

> Todos nós temos a nossa paixão e o Conselheiro tinha a sua: os livros. Ninguém o podia perturbar. No seu gabinete de trabalho a paz era completa. Seu espírito, alheio a tudo, ficava absorvido no trabalho horas a fio (COSTA, 1949, p. 42).

Ainda, como elementos da materialidades dos saberes, as grandiosas estantes do Salão pois, de acordo com Pyne (2016, p. [53], tradução nossa), "estantes de livros estão entre alguns dos acessórios mais óbvios para transmitir autoridade, vantagem e status social"; e, a grande mesa do Gabinete Branco (Figura 2) cuja funcionalidade foi comparada a roda de livros projetada pelo engenheiro italiano Agostino Ramelli no século XVI (Figura 3), já que ambos dispositivos possibilitaram "[...] otimizar a relação entre os movimentos do pensamento, do olhar e da mão" (JACOB, 2014, p. 78, tradução nossa).

Figura 2: Mesão do Gabinete Branco



Fonte: COSTA (1949, entre p. 18-19).

Figura 3: Roda de Ramelli



Fonte: RAMELLI (1588).

Também focamos o hábito de Rui anotar metodicamente nos livros e fora deles durante o estudo e a leitura. Ferrer ([2004?]) estabeleceu duas categorias de anotadores de acordo com a localização dos apontamentos feitos por alguns escritores: os extratores e os marginalistas. As anotações de Rui revelam, portanto, que ele se enquadrou nas duas categorias.

4 BIBLIOTECA DE RUI BARBOSA: A BIBLIOTECA DO MUSEU-CASA

Após a morte de Rui Barbosa, ainda que atrativas as propostas feitas à família para a venda do imóvel da Rua São Clemente e da biblioteca, a viúva, Sra. Maria Augusta, consciente do risco de desmembramento da propriedade e até mesmo do envio do acervo bibliográfico para fora do país - pois recebera oferta feita pelo Jockey Club de Buenos Aires para aquisição da biblioteca -, optou por vender a propriedade, incluindo a biblioteca, ao estado brasileiro. Essa tomada de decisão foi essencial para a sobrevivência da biblioteca como unidade e evitou a dispersão da coleção após a morte de seu proprietário.

D. Maria Augusta encomendou um levantamento detalhado da biblioteca,

> Para esse fim, escolheu cinco pessoas que entendeu aptas e capazes de concluir essa tarefa. Após três longos mezes de exhaustivo trabalho, **conservada a ordem de arrumação que o finado mantinha em cada estante e respectivas prateleiras**, annotado livro por livro, seu autor, edição e número de volumes de cada obra, ficou prompta a lista dessa enorme livraria. Essa lista, dactylographada em espaço um, atinge a um total de I.I60 páginas (Mil cento e sessenta) que forma hoje sete volumes (INVENTÁRIO..., 1923-24, p. 1253).

Esse levantamento, organizado em sete volumes, integrou o inventário dos bens de Rui Barbosa.

O desafio de se estimar quanto valeria o acervo da biblioteca foi apontado pelos peritos nomeados para o inventário - “Achamos, portanto, que as dificuldades da avaliação dessa maravilhosa bibliotheca só poderiam ser removidas por um trabalho de longos mezes, quiçá anos, por uma comissão de especialistas” (INVENTÁRIO..., 1923-24, p. 1274)- e também pelo filho mais velho de Ruy Barbosa, Alfredo, advogado de D. Maria Augusta, que indagou em petição: “Como calcular o valor dessas obras e

de enumeras outras annotadas e commentadas pelo finado?" (INVENTÁRIO..., 1923-24, p. 1254). Ele sugeriu que a biblioteca fosse então avaliada no todo.

Segundo Pedraza Gracia (2019), que analisou os conceitos de taxação, de valoração e de valorização de bibliotecas patrimoniais, a taxação - atribuir preço a um item - e a valoração, conferir valor cultural a um item, são processos complexos que variam de acordo com elementos extrínsecos e intrínsecos, tanto de determinada edição quanto do exemplar em si; e de critérios subjetivos próprios de cada observador ou avaliador. A complexidade em taxar e valorar itens de um acervo bibliográfico está refletida nos tais critérios, organizados no Quadro 3:

Quadro 3: Critérios para taxação e valoração de bibliotecas patrimoniais por Pedraza Gracia

Taxação			**Valoração**
Extrínsecos	Intrínsecos à edição	Intrínsecos ao exemplar	Valor cultural
desconhecimento do mercado; oferta e demanda; o processo de compra e venda, finalidade da avaliação, moda e gostos, tradição, mitologia, valor simbólico, fetichismo bibliofílico, a eliminação de lacunas, valor emocional, antiguidade, o tempo ou o estilo, raridade, censura, frescor ou grau de conhecimento, celebrações, centenários e outros eventos, o espaço de oferta e procura, outras condições externas	o autor; a obra; ou assunto; a edição; a impressão ou edição; a marca tipográfica; o idioma; a tipografia; a ilustração; cuidados tipográficos; as preliminares ou paratextos; o tipo de produção; a qualidade do suporte … Intrínsecos à edição	a encadernação; o estado de conservação; a integridade; a restauração; a proveniência; os autógrafos; as anotações; os *membra disjecta*; os ex-libris; o expurgo; as margens; a cópia; o status de inédito; as contrafações; outras marcas de proprietários anteriores ...	econômico emocional estético histórico ideológico identitário, integrador pedagógico simbólico testemunhal

Fonte: as autoras (2022) a partir de Pedraza Gracia (2019, p. 6-7).

O processo de patrimonialização do legado de Rui Barbosa se traduz naquilo que Davallon (2000) considerou filiação inversa, pois nos tornamos herdeiros dos bens de Rui. É como uma herança assumida para si por uma comunidade que reconhece determinado legado como patrimônio, por isso, inversa, e não um patrimônio transmitido para ela pelo falecido. Tal comunidade seleciona qual(is) objeto(s) constitue(m) o legado a se transformar em objeto(s) patrimonial(is), conferindo a este(s) o status de patrimônio.

Por meio do Decreto nº 4.789, de 2 de janeiro de 1924, o estado brasileiro expressou a intenção de que fosse fundado um museu-biblioteca para cultuar a memória daquele personagem (BRASIL, 1924).

> A transformação da residência de Rui Barbosa em museu-casa pode ser compreendida como a construção de um conjunto de dispositivos memoriais postos a serviço de interesses políticos inseridos em um discurso mais amplo de **identidade** e **memória nacional** (RANGEL, 2015, p. 112, grifo nosso).

Admitimos a institucionalização da biblioteca em razão, evidentemente, da transformação da residência em museu - o museu foi criado em 1927[9] (BRASIL, 1927). Entretanto consideramos que a patrimonialização da biblioteca ultrapassa a relação indissociável entre a parte e o todo. Não bastou musealizar a casa para se compreender institucionalizada a biblioteca. A biblioteca teve sua própria transformação.

Reconhecemos que ela foi institucionalizada também em função dos processos administrativos e biblioteconômicos pelos quais passou para manifestar sua nova forma de ser e para tornar-se acessível. Para memorar Rui Barbosa a biblioteca não deveria estar confinada em si mesma, hermética. A biblioteca que, até a partida do seu proprietário, havia sido internalizada apenas por ele, foi desvelada para ser inventariada, foi tratada por bibliotecários, registrada, sistematizada em catálogo e, através dele, externalizada.

4.1 Biblioteca de Rui Barbosa como lugar de saber no Museu: na perspectiva museológica

Para abrir o museu ao público em 13 de agosto de 1930, foi atribuído um nome para cada cômodo do museu-casa em alusão à vida pessoal de Rui e a passagens relevantes da sua trajetória pública.

Além do acervo bibliográfico que compõe o cenário do museu, por meio da observação de parte do acervo museológico podemos resgatar o conceito de lugares de saber para visualizarmos os ex-lugares ruianos de saber. No contexto museológico, os lugares de saber da Bibliotheca do Rui Barbosa tornaram-se museália. O Quadro 4 agrupa os ex-lugares ruianos de saber. Até mesmo os espaços que compunham a Bibliotheca podem ser interpretados assim, pois, de acordo com Rangel e Almeida (2017, p. 10), cômodos em um museu-casa também seriam museália porque eles

[9] Decreto nº 17.758 de 4 de abril de 1927.

> [...] têm grande importância, pois estes (e as relações estabelecidas entre esses espaços) são testemunhos de como uma família vivia, se a sua vida social era agitada ou não (existência de muitos ambientes sociais), se era uma família abastada (existência ou não de área de serviço para muitos empregados), se era a casa de um letrado (existência e tamanho da biblioteca), entre outros aspetos. Também é importante sublinhar que os cómodos não são testemunhos apenas da rotina familiar, mas também das suas relações com o mundo exterior, retratando, assim, os hábitos, os costumes e o modo de viver de um determinado período.

Observarmos, portanto, os seguintes ex-lugares de saber de Rui Barbosa:

Quadro 4: Ex- lugares ruianos de saber: a Biblioteca no contexto museológico

Espaços	Sala Civilista (ex- Gabinete Gótico) Sala Constituição (ex- Salão / Bibliotheca) Sala Casamento Civil (ex-Quarto de vestir) Sala Código Civil (ex-Gabinete Branco) Sala de Haia (simulacro do escritório de Rui Barbosa na sua casa Petrópolis)	
Inscrição dos saberes	Livros, periódicos entre outros itens do acervo bibliográfico Anotações manuscritas; marginálias	
Materialidade dos saberes	Mobiliário	estante de livros, estante de livros giratória, estante para papéis, mesa, cadeira, cadeira-espreguiçadeira, cadeira-escada, cadeira secretária giratória, mesa de escrever, cadeira de braços, estante, cadeira de balanço, secretária
	Instrumentos	mata-borrão, tinteiro, pincenê, óculos, caneta de pena, espátula em marfim, carimbador, lupa, porta-penas
	Suporte	pasta de documentos, bibliocanto, papeleira

Fonte: as autoras (2022). Elaborado a partir do Inventário Museu Casa de Rui Barbosa 2019-2020 (2020) e com base no *Thésaurus Savoirs.*

Entendemos que a biblioteca do museu-casa se tornou um lugar de saber de outra ordem, com outra essência. A biblioteca do MCRB ou o próprio museu são lugares onde se configuram outras dinâmicas entre os indivíduos, os dispositivos e o meio. São outras as práticas e, como lugares de saber contemporâneos, são passíveis de observação direta.

4.2 A Biblioteca de Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico: endogenia e exogenia

A noção de patrimônio bibliográfico no Brasil focou, por muitos anos, no valor emanado dos itens, visto que eles representam a materialização de expressões culturais e do desenvolvimento literário, científico e tecnológico da sociedade, isto é, na representatividade intelectual, material ou gráfica de um bem ou de conjunto de bens materiais em relação a um grupo cultural. Santos e Reis (2018) traçaram uma

revisão sobre as leis relacionadas à proteção legal do patrimônio bibliográfico no Brasil. De acordo com essas autoras o patrimônio bibliográfico no nosso país foi discutido com base na Figura 3:

Figura 3: Discussão sobre patrimônio bibliográfico no Brasil



Fonte: PROVENZANO (2020), adaptado de Santos e Reis (2018).

Aproximamos a Biblioteca de Rui Barbosa da discussão sobre patrimônio bibliográfico porque percebemos que ele também se manifesta em outra camada de significado. A validação de um ou mais item (ns) como objeto patrimonial por um grupo dar-se-ia por meio da representatividade de uma personalidade física ou jurídica em uma comunidade - isto é, o elo identitário desse ente com um grupo - que se transmite para um ou mais objetos, tornando-o, portanto, um objeto com valor patrimonial.

Assim,

> [...] a patrimonialização dar-se-ia por uma espécie de hereditariedade, já que a relevância sociocultural atribuída a um indivíduo ou a uma instituição por uma comunidade seria então transmitida a um conjunto de itens que pertenceu àquela personalidade ou organização, tal qual os descendentes (aqui objetos/materiais bibliográficos herdam características de seus ascendentes - proprietários de outrora) (PROVENZANO, 2020, p. 178).

Isto posto, duas perspectivas sobre valor apresentaram-se relevantes e em harmonia com a reflexão citada. Riegl (2014)[10] apresentou a ideia de valores memoriais dos monumentos - valor de antiguidade, valor histórico e valor volível de memória ou de comemoração - e Ponte (2018), no cenário dos museus-casas, tratou do valor dos objetos, que pode ser: financeiro, artístico, histórico, sentimental, e valor de função/contexto. De acordo com este pesquisador

> Os objetos numa casa-museu têm mais do que o seu valor artístico ou utilitário, valem pelo contacto que estabeleceram com determinada personalidade, não devendo ser estudados desenquadrados da vivência da pessoa que os possuiu (PONTE, 2018, p.120).

Atribuindo-se à Biblioteca de Rui Barbosa valor histórico de monumento - o monumento possui valor documental (RIEGL, 2014), considerada anteriormente essa biblioteca como monumento - e valor de função/contexto, que "reflete a importância que o objeto tem no contexto de vivência com o patrono ou a comunidade da casa onde se encontra" (PONTE, 2018, p.121), consideramos o acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico, ainda que o conjunto seja temática, cronológica e materialmente heterogêneo.

Os valores mencionados representam outra instância patrimonializante que não aquela atrelada às propriedades endógenas emanadas das características intrínsecas e extrínsecas "originais" de um item bibliográfico ou de um conjunto deles, ou seja, pelo conteúdo intelectual e/ou aspectos materiais tidos como representantes da expressão cultural de um grupo, os itens representativos de certa identidade cultural. Esses valores revelam uma instância patrimonializante exógena para um item bibliográfico ou um conjunto deles, o fato de ter(em) sido possuído(s) por alguém com quem um grupo reconhece um laço identitário ou em razão do uso e/ou quem/como fez uso de determinado item ou conjunto de itens.

[10] O texto original *Der Moderne Denkmalkultus: Sein Wesen Und Seine Entstehung* é de 1903. A edição consultada é a da editora Perspectiva, traduzida em português e publicada em 2014.

5 BIBLIOTECAS DE MUSEUS-CASAS DE PERSONALIDADE NO BRASIL: UM PANORAMA

A princípio havia a intenção de identificar as outras bibliotecas de museus-casas no Brasil; contudo, no decorrer da investigação, entendemos que empreender o reconhecimento de tais bibliotecas representaria um desvio do escopo da pesquisa.

À vista disso, prescindimos dessa prospecção visando priorizar o estudo sobre a Biblioteca de Rui Barbosa, dado que ela era o centro da análise do tema biblioteca de museu-casa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da pesquisa, a biblioteca de museu-casa, foi explorado a partir da Biblioteca de Rui Barbosa do Museu Casa de Rui Barbosa. Para abordar essa biblioteca fez-se necessário explorar o que configura uma biblioteca de museu-casa e porque a consideramos uma categoria *sui generis.* Em seguida, a inserção da biblioteca de museu-casa no complexo campo da memória, pois parece inevitável associarmos os dois conceitos: biblioteca e memória.

A análise da biblioteca de Rui Barbosa - a Bibliotheca, coetânea do proprietário - foi desenvolvida a partir de duas perspectivas: a apropriação das categorias de bibliotecas estabelecidas por Victor Infantes e o conceito de lugares de saber que, de acordo com seu idealizador, apresenta-se como uma nova tendência de estudos nas ciências humanas e sociais (JACOB, 2017).

O enfoque sobre a biblioteca como parte do museu-casa se ancorou nos conceitos de patrimonialização por filiação inversa e de valor memorial dos monumentos e de valor dos objetos em museus-casas para defender o acervo bibliográfico que pertenceu a Rui Barbosa como patrimônio bibliográfico.

Embora a pretensão inicial de se realizar o levantamento sobre as bibliotecas de museus-casas de personalidade no Brasil não tivesse sido concebida para ser um estudo exaustivo, ainda assim consideramos que não era relevante para a pesquisa, motivo pelo qual essa etapa foi excluída da investigação.

Para a pesquisa de mestrado finalizada sobre a qual tratou esse artigo, nos pusemos a pensar a metamorfose subjetiva da biblioteca domiciliar em biblioteca de museu-casa tendo como caso ilustrativo a Biblioteca de Rui Barbosa.

Tendo sido considerada a Biblioteca uma entidade - formada pela associação de ambiente(s), de mobiliário e da coleção - entendemos por metamorfose subjetiva as diferenças percebidas entre a biblioteca contemporânea do proprietário Rui Barbosa e a biblioteca do MCRB.

Ainda que a biblioteca (coleção) seja a mesma, enquanto espaço de interações, sob a ótica dos lugares de saber, as duas Bibliotecas são díspares. Na biblioteca do museu-casa já não há a prática de leitura pois a consulta aos livros é realizada na sala de consulta do prédio administrativo da Fundação Casa de Rui Barbosa, sendo, portanto, outro espaço de saber. Os visitantes do museu não podem explorar com as próprias mãos as estantes dos livros como Rui Barbosa costumava examiná-los. Se, por um lado, na Biblioteca da casa, Rui se reunia com amigos e colegas para reuniões e conversas, que são práticas de saber, por outro, na Biblioteca do museu-casa, as visitas espontâneas e as guiadas são também práticas de saber.

Desse modo, entendemos que houve, de fato, metamorfose subjetiva da biblioteca particular para a biblioteca de museu-casa pois, embora a biblioteca do museu-casa seja o *continuum* da biblioteca da casa ou, ainda, que a *Bibliotheca* do Rui Barbosa seja a origem da Biblioteca de Rui Barbosa, consideramos ambos sujeitos distintos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Micheli Martins. **Uma abordagem brasileira sobre a temática das Casas-Museu**: classificação e conservação. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Micheli-Martins-Afonso.pdf. Acesso em: 2 jun. 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Memória comunicativa e memória cultural. **História Oral**, v. 19, n. 1, p. 115–127, 2016. Disponível em:

https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/642/pdf. Acesso em: 1 jun. 2021.

BIERBAUM, Esther Green. **Museum librarianship**. Second edition. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2000. *E-book.*

BRASIL. **Decreto nº 17.758, de 4 de abril de 1927**. Crea o Museu Ruy Barbosa e approva o seu regulamento. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-17758-4-abril-1927-500996-republicacao-86883-pe.html. Acesso em: 21 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 4.789, de 2 de janeiro de 1924**. Autoriza o Poder Executivo a adquirir a casa em que residiu, o senador Ruy Barbosa, com mobiliario, bibliotheca, archivo. etc. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-4789-2-janeiro-1924-565500-publicacaooriginal-89254-pl.html. Acesso em: 21 nov. 2019.

COSTA, Antônio Joaquim da. **Rui Barbosa na intimidade**. [Rio de Janeiro]: Casa de Rui Barbosa, 1949.

DAVALLON, Jean. Le patrimoine: "une filiation inversée"?. **Espace Temps**, [Lausanne], n. 74-75, p. 6-16, 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/espat_0339-3267_2000_num_74_1_4083. Acesso em: 17 dez. 2020.

DEMHIST. **Demhist Categorization Project House Museums Typologies**. 2007. Disponível em: https://demhist.mini.icom.museum/wp-content/uploads/sites/11/2019/01/CategorizationProject.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (ed.). **Conceitos-chave em Museologia.** Tradução e comentários Bruno Brulon Soares e Marilia Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013.

DIAS, Débora. Do privado ao público: a biblioteca pessoal e suas metamorfoses. **Cescontexto**, Lisboa, n. 23, p. 57-71, dez. 2018.

DODEBEI, Vera. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital. *In*: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera. (org.). **Memória e novos patrimônios**. Marseille: OpenEdition Press, 2015. *E-book*. Disponível em: http://books.openedition.org/oep/865. Acesso em: 19 maio 2020.

FERRER, Daniel. **Towards a Marginalist Economy of Textual Genesis**. [2004?]. Disponível em: http://www.item.ens.fr/articles-en-ligne/towards-a-marginalist-economy-of-textual-genesis/. Acesso em: 25 nov. 2020.

INFANTES, Victor. Las ausencias en los inventarios de libros y de bibliotecas. **Bulletin hispanique**, v. 99, n. 1, p. 281-292, 1997. Disponível em:

https://www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1997_num_99_1_4939. Acesso em: 7 dez. 2019.

INVENTÁRIO Conselheiro "Ruy Barbosa". 1923-24. Disponível em: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=arquivoruibarbosa&pagfis=55153. Acesso em: 18 abr. 2021.

JACOB, Christian. Les Lieux de savoir: un entretien avec Christian Jacob. [Entrevista concedida a] MÜLLER, Bertrand. **Genèses**, a. 3, n. 76, p. 116–136, 2009.

JACOB, Christian. Lieux de savoir: Places and Spaces in the History of Knowledge. **KNOW: A Journal on the Formation of Knowledge**, Chicago, v. 1, n. 1, p. 85–102, 1 mar. 2017. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/692293. Acesso em: 30 abr. 2020.

JACOB, Christian. **Qu'est-ce qu'un lieu de savoir?** Marseille: OpenEdition Press, 2014. *E-book*. Disponível em: http://books.openedition.org/oep/423. Acesso em: 6 abr. 2020.

JACOB, Christian. Retorno aos lugares de saber. **Revista da UFMG,** Belo Horizonte**,** v. 19, n. 1-2, p. 206–227, jan./dez. 2012. Disponível em: https://www.ufmg.br/revistaufmg/volumes/19. Acesso em: 9 jun. 2020.

MANGUEL, Alberto. **Conferencia La biblioteca de noche**. 2017a. 1 vídeo (ca 59 min). Publicado pelo canal Centro de Documentacion Audiovisual. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yImaCKJOiqQ. Acesso em: 29 jun. 2020.

MANGUEL, Alberto. **O leitor como metáfora:** o viajante, a torre e a traça. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017b.

NAMER, Gérard. **Mémoire e société**. Paris: Ed. Meridiens Klincksieck, 1987.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução [de] Yara Aun Khoury. **Projeto História- Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101. Acesso em: 13 abr. 2020.

PEDRAZA GRACIA, Manuel José. Tasación, valoración y valorización en la biblioteca patrimonial: aportaciones para una discusión pendiente. *In*: JORNADAS DE GESTIÓN DE PATRIMONIO BIBLIOGRÁFICO, 2., 2019, Santiago de Compustela. Anais [...]. Santiago de Compustela: Universidade de Santiago de Compustela, 2019. Disponível em: https://repositoriorebiun.org/handle/20.500.11967/441. Acesso em: 20 maio 2020.

PONTE, António. Casas-museu – locais onde o património material e imaterial confluem numa comunicação orquestrada. *In*: CARVALHO, Ana Cristina. (org.). **Anais dos Encontros Brasileiros de Palácios, Museus Casas e Casas Históricas**: 2014-2017. São Paulo: Curadoria do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo, 2018. p. 114-125. Disponível em

http://www.acervo.sp.gov.br/publicacoes/anais_encontro.pdf. Acesso em: 5 dez. 2019.

PONTE, António. Casas-Museu. Entre o conceito e o modelo de ação. Da constituição ao modelo de investigação. *In*: MONGE, Maria de Jesus. (coord.). **10 anos de reflexão sobre casas-museu em Portugal**. [Vila Real?]: Direção Regional de Cultura do Norte, 2019. p. 19-[34]. (Património a Norte, 1). *E-book.*

PROVENZANO, Letícia Krauss. Reflexões sobre o patrimônio bibliográfico: a biblioteca de Rui Barbosa. **Memória e Informação**, v. 4, n. 2, p. 173-192, 30 dez. 2020. Disponível em: http://memoriaeinformacao.casaruibarbosa.gov.br/index.php/fcrb/article/view/137. Acesso em: 3 mar. 2022.

PYNE, Lydia. **Bookshelf**. New York: Bloomsbury, 2016. (Object Lessons). *E-book.*

RAMELLI, Agostino. **Le diverse et artificiose machine del Capitano Agostino Ramelli**. Paris, France, 1588. Disponível em: https://digital.sciencehistory.org/works/4b29b614k. Acesso em: 25 maio 2021.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza Rangel. **Museu-Casa de Rui Barbosa**: entre o público e o privado. 2015. 254 f.Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RANGEL, Aparecida Marina de Souza Rangel; ALMEIDA, Álea Santos de. Os cômodos do Museu Casa de Rui Barbosa enquanto museália. **MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares**, Évora, Portugal, n. 8, 31 jul. 2017. Disponível em: https://journals.openedition.org/midas/1300. Acesso em: 6 jan. 2020.

RIEGL, Alois. **O culto moderno dos monumentos**: a sua essência e a sua origem. Tradução Werner Rothschild Davidsohn, Anat Falbel. São Paulo: Perspectiva, 2014.

REITZ**,** Joan M. **Online Dictionary for Library and Information Science**. Santa Barbara, CA [EUA]: ABC-CLIO, c2004-2014. Disponível em: https://products.abc-clio.com/ODLIS/odlis_h.aspx. Acesso em: 26 fev. 2020.

REVISTA "FON FON", 1918. 1 imagem digital. [1918]. Acervo do Serviço de Arquivo Histórico e Institucional da Fundação Casa de Rui Barbosa. Código da imagem: rb-rbic 22. Fundação Casa de Rui Barbosa. Base de dados Iconografia. Disponível em: http://iconografia.casaruibarbosa.gov.br/fotoweb/Grid.fwx. Acesso em: 2 jul. 2021.

SANTOS, Renata Ferreira dos; REIS, Alcenir Soares dos. O Patrimônio bibliográfico no Brasil: trajetória de leis, políticas e instrumentos de proteção legal. **Investigación Bibliotecológica**: archivonomía, bibliotecología e información, v. 32, n. 75, p. 223-259, 2018. Disponível em: http://dx.doi.org/10.22201/iibi.24488321xe.2018.75.57970. Acesso em: 26 set. 2019.

SEARA, Maria do Rosário Tavares Diniz Ferreira Germano Perez. **A biblioteca pessoal de Alberto Mac-Bride**: história, Medicina e organização da informação. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação) -Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/33576/1/ulfl243253_tm.pdf. Acesso em: 26 abr. 2020.

STOKES, Heidi Hutchins. **Rediscovering the Private Libary**: the National Trust of Great Britain and the campaign to expand the role of library Collections in historic house museums. 2008. 94 p. Thesis (Master of Arts in Museum Professions) – Seton Hall University, South Orange, 2008. Disponível em: https://scholarship.shu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2937&context=dissertations. Acesso em: 15 nov. 2019.

THÉSAURUS SAVOIRS. 2020. Disponível em*:* https://datu.ehess.fr/savoirs/fr/. Acesso em: 3 mar. 2022.

THOMSON-DEVEAUX, Flora. A gestação do menino-diabo: Como traduzir Memórias Póstumas de Brás Cubas para o inglês com dicionários frágeis e bases de dados gigantescas. **Revista Piauí**, edição 165, jun. 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/gestacao-do-menino-diabo/. Acesso em: 15 jun. 2020.

YOUNG, Linda. **Historic house museums in the United States and the United Kingdom**: a history. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2016. *E-book.*